



A CIÊNCIA NO TELEJORNALISMO BRASILEIRO: JORNAL DA CULTURA E REPORTER BRASIL¹

Julia Arraes de Alencar²

Isaltina Maria Azevedo de Melo Gomes³

Resumo: Este estudo é um recorte da pesquisa *Divulgação científica e telejornalismo brasileiro* e toma como foco a televisão, mais especificamente o telejornalismo. Nesta pesquisa, o objeto de estudo foram os telejornais de emissoras públicas Repórter Brasil e Jornal da Cultura. Ambos foram escolhidos como representantes da televisão pública nacional, partindo do pressuposto que, por não terem tanto compromisso com grandes conglomerados e por não terem como objetivo principal o lucro, teriam maior preocupação com conteúdo exibido. Foram analisados 32 dias de cada jornal, escolhidos aleatoriamente entre setembro de 2009 e abril de 2010. As estratégias discursivas foram analisadas com base em conceitos da Análise do Discurso Francesa, assim como foi estudada a forma de apresentação da ciência e o uso de elementos ilustrativos.

Palavras-chave: Divulgação Científica; Telejornalismo Brasileiro; Discurso Científico; TV Pública

Introdução

Partindo do pressuposto de que a divulgação do conhecimento científico é uma das características inerentes às sociedades democráticas, a pesquisa pretendeu avaliar como são inseridas as matérias de divulgação científica no telejornalismo brasileiro. A intenção é entender como esse meio de comunicação, caracterizado, em geral, pela simplicidade na maneira como informa e por aliar som e imagem, se relaciona com algo tão complexo como o conhecimento científico — isso tendo como base que a divulgação da produção do conhecimento de ciência ainda é muito restrita aos ambientes acadêmicos, o que impossibilita a formação de uma cultura científica por parte da população:

Cada vez mais, a democratização [socialização] do conhecimento [científico] se faz necessária para que a sociedade saiba dos benefícios e das conseqüências sociais, políticas e econômicas das pesquisas realizadas [impacto social]. Isso só pode ser feito através da divulgação desses conhecimentos entre os cientistas, por meio de publicações especializadas, e para o público de massa, por meio de grande imprensa. Nesse contexto, surgiu o jornalismo científico como uma prática especializada dentro do jornalismo (GOMES e SALCEDO, 2005b, p. 81).

¹ Trabalho apresentado no DT 1 (Jornalismo) – Intercom Junior – VII Jornada de Iniciação Científica em Comunicação.

² Estudante de graduação do curso de Jornalismo da Universidade Federal de Pernambuco.

³ Orientadora do trabalho: Doutorado em Lingüística pela Universidade Federal de Pernambuco e Professora Associado da Universidade Federal de Pernambuco



É extremamente relevante para a sociedade ter acesso a esse tipo de conhecimento. Para ALBERGUINI (2007, p. 13),

O conhecimento, por parte dos cidadãos, dos processos relacionados à produção científica é essencial para que as pessoas entendam e possam avaliar as conseqüências e repercussões da adoção dessas inovações.

Apesar de muitas discussões acerca da função educativa do jornalismo, reconhece-se a importância social da profissão de tornar públicas as informações. Porém, apenas a informação não é capaz de gerar compreensão e conscientização do público se princípios básicos da notícia não forem considerados. Para informar com qualidade, é necessário situar o leitor no contexto, no espaço e tempo, na relação do fato com esferas sociais, políticas, econômicas e culturais e, principalmente, aproximá-lo da vida das pessoas, para que haja reflexões e debates a fim de que se forme um senso crítico no público. Por saber que os meios de comunicação têm “função primordial no acesso aos acontecimentos pelas pessoas, é necessário que esses cumpram suas funções informativas, educativas, sócio-histórico-culturais e político-ideológicas” (BUENO, 1984 *apud* ALBERGUINI, 2007, p. 18).

O fato é que a cobertura nos assuntos científicos, na sua maioria, não cumpre os preceitos básicos e, quando não deixa a notícia sem contexto algum, acaba pendendo para temas da economia ou política ou se tornando sensacionalista. Muitas vezes trata-se de uma “transmissão” do fato, sem contextualização e sem preocupação com a explicação de termos científicos.

Por que televisão?

É na televisão que o brasileiro deposita uma importância e centralidade bastante significativa. Essa conclusão foi observada em pesquisa realizada em 2006 pela Agência de Notícias Reuters, da BBC, e dos Media Centre Poll da Globescan. Nela observou-se que 56% dos entrevistados credenciam o telejornal como a principal fonte de informação (VIZEU, 2008).

O fato é que além do caráter informativo, atribui-se à divulgação uma função educativa. De acordo com Zamboni (2001, p.49):

Caberia, dessa forma, à divulgação, a tarefa maior de exercer a partilha social do saber, levando ao homem comum o conhecimento do qual ele historicamente foi apartado e do qual foi-se (sic) mantendo cada vez mais distanciado, à medida que as ciências se desenvolviam e mais se especializavam.

A televisão, portanto, por ser um meio de comunicação simples e atrativo, acaba facilitando tais processos de compreensão. No entanto, nem sempre a mediação do jornalista é capaz de facilitar o diálogo entre cientista e público. Ir além dos limites acadêmicos onde é produzido o saber científico e chegar a um público amplo e majoritariamente leigo é um dos desafios que devem ser enfrentados pelos telejornais brasileiros.

Os dois telejornais tomados como objetos deste estudo, Jornal da Cultura e Repórter Brasil, foram escolhidos como representantes da televisão pública nacional, partindo do pressuposto que, por não terem tanto compromisso com grandes



conglomerados e por não terem como objetivo principal o lucro, teriam maior preocupação com seu conteúdo. Ao escolher analisar as emissoras públicas, procurou-se perceber se elas realmente apresentam uma missão diferenciada, tendo como prioridade a formação dos telespectadores. A nosso ver, nesse caso, apresentariam preocupação fundamental com a divulgação do conhecimento científico.

De acordo com Beth Carmona, que já passou pela direção de emissoras como TVE Brasil e TV Cultura, “A TV Pública deve ser um parâmetro, deve traçar a linha divisória entre o interesse público e privado, elevando a consciência, a educação e a cidadania e refletindo os interesses da sociedade”.⁴ A afirmação de Carmona nos permite inferir que a divulgação científica pode ter um lugar privilegiado no telejornalismo da TV pública, inferência que é corroborada pelo pensamento de Jorge da Cunha Lima, ex-diretor-presidente da TV Cultura de São Paulo.

Claro que toda informação é pública, mas a informação da TV pública produz reflexão sobre os acontecimentos, e ,não, uma submissão à emoção proposta pelos acontecimentos. Não interessa o espetáculo da notícia, interessa a compreensão do acontecimento (LIMA, 2003, p. 68).

Mas, como isso se dá na prática? No Brasil, os telejornais de TVs públicas e comerciais colaboram efetivamente com a divulgação da ciência?

Relações Discursivas

A Análise do Discurso Francesa (AD) parte do princípio que um texto não é um conjunto de signos inertes, mas o rastro deixado por um discurso, no qual a fala é encenada. O discurso utiliza elementos linguísticos para ter materialidade, mas é exterior à língua, encontra-se no social. A AD considera os elementos ideológicos existentes nas palavras e nos pronunciamentos. Em situações de linguagem verbal, como debate ou palestras, por exemplo, as posições contrastantes revelam mais claramente lugares sócio-ideológicos assumidos pelos sujeitos envolvidos, os quais se utilizam da linguagem para dar materialidade a esses lugares.

No entanto, mesmo em um texto escrito ou numa interação oral, toda fala procede de um enunciador encarnado, na perspectiva da AD. Um texto é sustentado por uma voz, por um corpo, que não precisa, efetivamente, ser um corpo físico, mas apenas uma representação dele. Para introduzir essa discussão, Maingueneau (2001; 2006) lança mão do conceito de ethos discursivo, através do qual, em uma enunciação, revela-se a personalidade do enunciador.

Durante muito tempo a AD [Análise do Discurso] tomou como objeto os corpus por ela apreendidos independentemente dos atos de enunciação que os haviam tornado possíveis. Ao proceder assim, não tinha o intuito de negligenciar as “circunstâncias”, o “quadro” de enunciação, mas por entender tais fatos mais como um conjunto de elementos moduladores do que como uma dimensão constitutiva do discurso (MAINGUENEAU, 1997, p. 29).

De acordo com Maingueneau (2006), o discurso científico é um tipo de discurso constituinte.

⁴ <http://www.tvebrasil.com.br/desafio_da_tv_publica> Acesso em jul. 2007



Os discursos constituintes dão sentido aos atos da coletividade, eles são os fiadores de múltiplos gêneros do discurso. O jornalista às voltas com um debate sobre um problema social recorrerá muito naturalmente à autoridade do intelectual, do teólogo ou do filósofo. [...] Os discursos constituintes possuem, assim, um estatuto singular: zonas de fala em meio a outras e falas que pretendem ponderar sobre todas as outras. [...] Junto com eles vêm à tona, em toda sua acuidade, as questões relativas ao carisma, à Encarnação, à delegação do Absoluto: para não se autorizarem apenas por si mesmos, devem aparecer como ligados a uma Fonte legitimadora (p. 34).

É justamente essa “encenação” que um repórter de televisão faz ao indicar ao cientista convidado a participar de uma matéria que ele se sente em frente a seus livros, diante do computador ou finja usar o microscópio no momento da captação das imagens.

[...] a leitura de muitos textos que não pertencem ao nosso ambiente cultural (no tempo e no espaço) é freqüentemente dificultada não pelas lacunas graves de nosso saber enciclopédico, mas porque se perdem os ethe que sustentavam tacitamente sua enunciação.

Neste estudo, além do suporte teórico da AD, trabalhamos com conceitos-chave da Análise Dialógica do Discurso (a teoria bakhtiniana), como polifonia e dialogismo. Nosso intuito é avaliar se o telejornalismo brasileiro realmente é capaz de “dar voz” às diferentes formas de pensamento e opiniões. O jornalismo, de forma geral, tem a pretensão de “ouvir os dois lados” de cada fato e acontecimento, no entanto, se aplicarmos o conceito da polifonia, nem sempre um discurso com muitas vozes (ou muitas fontes) é polifônico. Só é polifônico aquele discurso que consegue mostrar opiniões diferentes de vozes equípolentes, ou seja, que possuam o mesmo peso.

De acordo com Fiorin (2006, p.32), Bakhtin afirmava que todo tipo de discurso estava pautado na interação e era, portanto, dialógico e estava inserido em um contexto. Ou seja, todo enunciador, antes de construir seu discurso, leva em consideração o discurso alheio. Neste estudo, além das inquietações acerca de como é feita a divulgação da ciência nos telejornais, também se pretende responder a outras perguntas, tais como: Qual o lugar de fala do repórter? Como ele mostra o assunto ao telespectador? Como o telejornalismo brasileiro nas emissoras comerciais vem realizando a divulgação da informação científica? E, principalmente, resgatando outro termo de Bakhtin: o discurso científico no telejornalismo é polifônico? Essas são algumas das nossas inquietações.

O que dizem os números?

Jornal da Cultura

Nas 32 edições do Jornal da Cultura analisadas, foram encontradas 17 matérias de divulgação científica, somando pouco mais de 1h, que representam cerca de 4,7% de todas 36 edições do telejornal, que somam o total de 21 horas de duração, incluindo intervalos, vinhetas, chamadas e encerramento. (Figura 1)

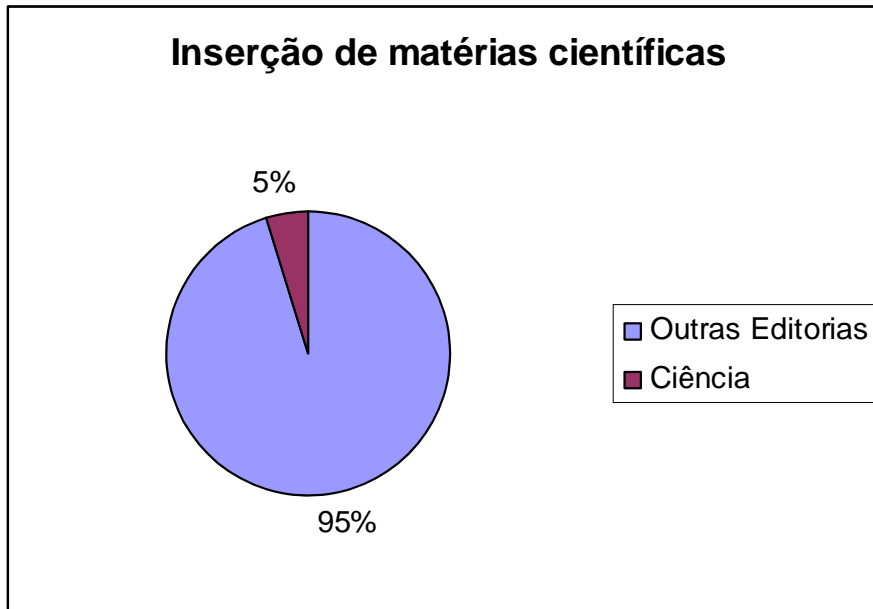


Figura 1

Ao estudar mais atentamente as inserções de matérias de divulgação científica, é possível observar em quais categorias elas se encaixam e o que isso representa. De um total de 17 inserções, 6 delas estavam mostrando apenas *Curiosidades* (Imagem 2) do mundo científico, como o fato do Planeta Marte estar cada vez mais próximo da Terra ou de cientistas que querem reconstituir os genes de Leonardo da Vinci. Nesse caso, essas matérias não serviram para esclarecer ou formar uma cultura científica do telespectador. Serviu apenas como um entretenimento.

A *Pesquisa como gancho* teve três inserções. Mesmo que elas não explicassem a fundo o funcionamento do método científico, mostrando metodologia e outras partes essenciais, esse tipo de matéria costuma conectar a ciência à vida cotidiana do telespectador. Por exemplo, ao apresentar uma pesquisa que desenvolve sensores eletrônicos para funcionar no lugar do coração, a matéria apresenta pessoas que tenham problemas cardíacos e que irão se beneficiar com os resultados da pesquisa.

Na pesquisa como coadjuvante, acontece algo muito semelhante. A ciência também fica mais próxima do telespectador. Percebe-se que, em ambos os casos, o repórter assume a posição de um “professor”, que repassa as informações do pesquisador e as transmite ao público com clareza. É muito comum que se defina termos científicos pouco comuns, prática que já contribui na formação do cidadão leigo.

Categorias (JC)	Nº de inserção
Pesquisa como foco	3
Pesquisa como gancho	4
Pesquisa como coadjuvante	2
Encontro científico	2
Curiosidades	6

Tabela 1

Quando partimos para análise mais detalhada das matérias, percebemos que a maioria delas está atrelada à área da Saúde, como no desenvolvimento de tratamento



para doenças ou na descoberta de novos medicamentos. Isso se dá pelo fato do assunto ser de extremo interesse para a vida das pessoas.

Algo interessante de se notar na grade de matérias do Jornal da Cultura, foi o valor dado às matérias de Meio ambiente. O grande número de inserções dessa Editoria O fato de esse tema se sobrepôr a assuntos relacionados à política e à economia mostra um certo diferencial na linha editorial do Jornal da Cultura em relação a telejornais de emissoras comerciais.

Ao avaliar as outras editorias, percebe-se uma grande quantidade de matérias internacionais e sobre esportes. Isso ocorre porque a equipe de jornalismo do Jornal da Cultura tem certas lacunas e poucas vezes faz uso de material e profissionais para outros lugares do Brasil. Como as matérias de esportes e internacionais possuem imagens de agências nacionais e internacionais disponibilizadas com maior facilidade, essas editorias acabam aparecendo mais no telejornal.

Matérias de cotidiano também são muito presentes,. O mesmo problema de pouca locomoção e carência de profissionais faz com que a maioria das matérias desse telejornal sejam feitas na cidade de São Paulo ou nas proximidades.

Esse fator também é muito perceptível nas matérias de divulgação científica. Em praticamente 100% dos casos, as pesquisas e estudos nacionais apresentados estavam sendo realizados em São Paulo e todas as fontes e personagens – incluindo, é claro, os pesquisadores – eram representantes desse estado. Porém, um fato positivo de se notar: a maioria das inserções de ciência terem sido de *Curiosidades* é consequência do grande uso que esse telejornal faz de imagens de agências internacionais.

É preciso também ainda levar em consideração que foram excluídas da análise todas as matérias que estivessem tratando estritamente de inovações tecnológicas e lançamento desses tipos de produto.

Repórter Brasil

Nas 32 edições do Repórter Brasil analisadas, foram encontradas 13 matérias de divulgação científica, dentro de um total de notícias (relatos jornalísticos) de 812. Esse número corresponde a apenas 2% do conteúdo jornalístico veiculado pelo telejornal, que reproduziu quase 25 minutos de informações sobre Ciência.

Nessa investigação foram observadas mais de 32 horas de telejornal (a duração total de uma edição é 1 hora). A duração líquida, entretanto, excluindo os efeitos de Arte, escalada, abertura, vinheta, fala povo, break comercial, encerramento, de todo o corpus, ficou em 24 horas de vídeo.

No entanto, de forma mais relativa, observou-se que das 32 edições investigadas: 11 (34%) tinham notícias de ciência, todas sendo reportagens - VT's. Não foram contabilizadas nenhum outro tipo de inserção: nota pelada, coberta, entrada ao vivo, stand up que tivessem vinculação com a temática de Ciência.

Outro dado interessante observado é que o telejornal, que é dividido em quatro blocos com tempo médio de 13 minutos, sendo o primeiro de maior duração, reserva a Ciência majoritariamente para o último bloco, o espaço que é bastante compartilhando com as editorias suportes: Esportes e Cultura: 38% das notícias de ciência foram veiculadas no último bloco do Repórter Brasil. Além disso, com a catalogação dos dados em planilha identificou-se que as quartas-feiras e quintas-feiras são os dias de maior quantidade de matérias de de cunho científico (54% das reportagens se concentram nesses dois dias).

De fato pode-se dizer que o jornal é eminentemente de reportagens, em Vt's (ocupa cerca de 96% do tempo líquido do programa). São em torno de 20 matérias por

dia, com tempo médio de 2 minutos. Já as de Ciência foram um pouco menor a duração, que girou em torno de 1 min e 54 segundos de vídeo.

Durante toda essa veiculação de notícias, a Editoria de "Cotidiano" (Matérias que tratem de temas assaz factuais, que digam respeito aos acontecimentos diários do país ou das cidade. Enquadram-se nessa categoria matérias de comportamento, ações de solidariedade e voluntariado, temas relativos à rotina das cidades ou à vida no campo, doença ou morte de personalidades.) é o grande carro-chefe do jornal. Ocupa aproximadamente 30% em quantidade de matérias e em tempo. É seguida pelas editorias de Internacional, Economia e Política.

A Ciência alcança o 8º lugar em quantidade de matérias e tempo em vídeo (são 12 categorias). Ela representa aproximadamente 2% do que é o jornal.

Categorias (RB)	Nº de inserção
Pesquisa como foco	5
Pesquisa como gancho	5
Pesquisa como coadjuvante	1
Encontro científico	1
Curiosidades	1

Tabela 2

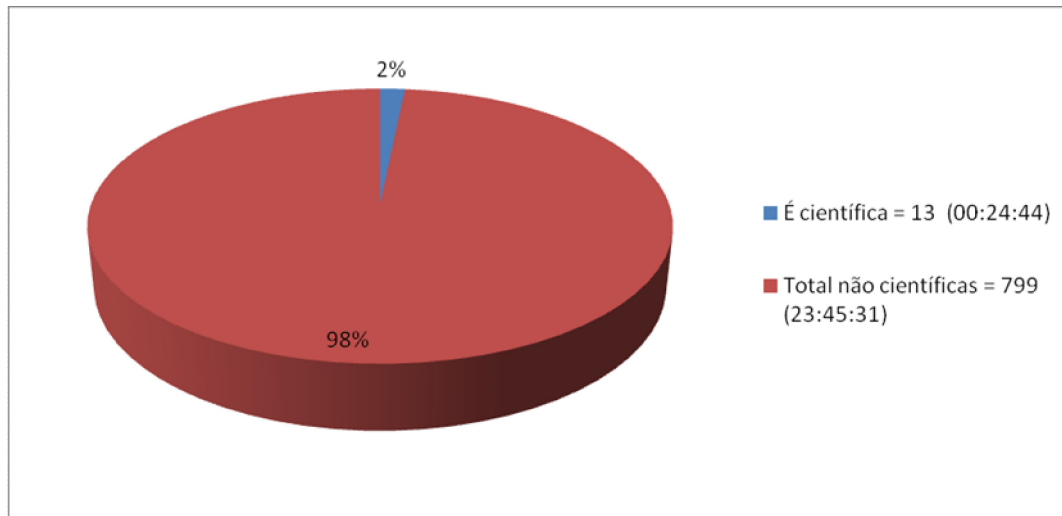


Figura 2

Casos Específicos – Além dos dígitos

Findadas as comparações e análises acerca do conjunto total do *corpus*, cabe trazer casos dos dois telejornais que exemplifiquem e tornem mais clara nossa análise.

No Jornal da Cultura, uma das matérias sobre ciência analisada foi ao ar no dia 16 de setembro de 2009 e teve 1 minuto e 59 segundos de duração. A reportagem trata de uma pesquisa inédita desenvolvida por pesquisadores da Unicamp, que poderia abrir novas perspectivas ao tratamento do câncer. Por ser bastante completa e explorar a pesquisa em si, com sua metodologia e resultados parciais, foi classificada como *Pesquisa como Foco*.

A reportagem começa com imagens de pessoas de bata trabalhando em um laboratório com microscópios e outros instrumentos. Desde aí, já se percebe a presença



de um conceito bastante importante da Análise do Discurso Francesa, a encenação ou cenário (MAIGUENEAU; CHARAUDEAU, 2006, p.114). Ao mostrar cientistas trabalhando em um laboratório, cria-se a metáfora teatral para o telespectador, passando uma idéia de contextualização e de confiança no que está sendo dito.

Logo depois, o repórter começa a explicar, em *off*⁵ qual é a verdadeira inovação que essa pesquisa traz para o tratamento do câncer. A linguagem utilizada é clara e sem muitos termos técnicos. O jornalista, nesse ponto, forma a sua imagem para o telespectador: ele está ali para aprender com o cientista e ensinar ao público.

Ao longo da reportagem, são entrevistados os pesquisadores responsáveis, que explicam a metodologia e os avanços alcançados. Nesse ponto, percebe-se outra característica importante: a imagem que o jornalista faz do pesquisador é de uma pessoa séria, responsável e que conhece mais do que a maioria. Na Análise de Discurso, essa construção da imagem também é conhecida como “ethos”. Dessa forma, a pesquisa em si é mostrada de forma positiva, com a intenção de dar esperança ao telespectador.

Algo que faz falta na matéria é a aproximação do tema com a vida do público-alvo. Todas as imagens são feitas dentro do laboratório e são ouvidos apenas profissionais da ciência e o jornalista. Como os resultados da pesquisa ainda não foram concluídos, não se mostra a aplicabilidade da mesma no cotidiano do cidadão.

Outra matéria analisada também teve 1 minuto e 59 segundos de duração e foi exibida no dia 5 de outubro de 2009. A reportagem fala sobre os três vencedores do Prêmio Nobel de Medicina, que identificaram mecanismos de proteção dos cromossomos. A matéria foi classificada como *Pesquisa como Coadjuvante*, porque ela aparece como um assunto vinculado à premiação do Nobel. No entanto, o termo “coadjuvante” não significa que ela tenha ficado em segundo plano na reportagem.

Após falar sobre o prêmio e os vencedores, a matéria se volta exclusivamente para a pesquisa. Todas as imagens são do arquivo de uma emissora americana e a voz do repórter aparece em *off*. No início, quando fala do que trata a pesquisa, o jornalista explica termos como “telomerase”, dando um teor didático à matéria. Essa explicação é de extrema importância, porque, quando é mostrado o discurso do pesquisador americano, este não se preocupa em dizer o que significa o termo.

Um dado importante de se notar é que em ambas as matérias, a pesquisa foi mostrada de forma positiva e esperançosa. O discurso dos pesquisadores foi sempre enaltecido e repetido pelos jornalistas, sem nenhuma objeção. A ciência foi passada, no telejornal, como uma verdade absoluta, por ser fruto de métodos científicos supostamente objetivos.

Assim como a primeira notícia, a segunda também não tentou um meio de relacionar o conteúdo da matéria com a vida do telespectador. Por mais simples, claro e didático que tenha sido o discurso, a compreensão de temas científicos se torna mais fácil quando associada a outras informações, de preferência da vida cotidiana do indivíduo. Apenas o discurso do profissional foi usado, para dar mais seriedade e credibilidade às explicações. Dessa forma, corre-se o risco de pender para algo que BUENO (2007) classifica como *síndrome lattes*; quando o discurso do especialista ou da autoridade é representado como algo superior e inquestionável e se sobrepõe às demais vozes da reportagem.

Além disso, ambas as matérias apresentam um discurso monofônico, ou seja, apesar de conter várias fontes de informação, o discurso formado por todas elas é o mesmo, mascarando a monofonia. Todas as fontes, nas duas matérias, enxergam as pesquisas de maneira esperançosa, sem muitos questionamentos. Em nenhuma das duas

⁵ *Off* é apenas a voz gravada sem a imagem do repórter.



notícias há vozes equípotentes que emitam enunciados diferentes, que contraponham o discurso do cientista.

No Repórter Brasil, a matéria veiculada no dia 16 de setembro de 2009 foi focada em uma pesquisa da Universidade de São Paulo (USP) sobre a utilização de drogas pelos caminhoneiros para lidar com a sobrecarga do trabalho, foi utilizado infográficos com o mapa do Brasil, para representar as longas jornadas pelas quais esses profissionais são submetidos. Essa busca por uma pedagogização da matéria de Ciência foi fortalecida pela presença da pesquisadora líder, em seu laboratório, mesmo que de certo ponto “fantochizada” (com a devida bata, diante dos instrumentos laboratoriais para fazer um simples registro de poucos segundos). Ela surge apenas para afirmar o que já foi antecipado pela repórter: “Os próprios caminhoneiros já sabem, depois do efeito da droga, ele vai ficar com mais sono ainda”. Outro detalhe observado é que a única informação trazida da pesquisa pela reportagem é que 2% dos 308 caminhoneiros pesquisados utilizam cocaína para ficar desperto (esse foi a parte metodológica e de resultado final apresentada pela profissional).

Pelo cenário do registro em vídeo da pesquisadora em laboratório com a bata, percebe-se, claramente, a presença desse conceito bastante importante da Análise do Discurso Francesa, a encenação (MAINGUENEAU, 2006). Outro dado discursivo observado na matéria do dia 16 é que a jornalista se põe ao telespectador através de um lugar de falar de mediadora onisciente. Demonstra conhecimento preciso dos dados, o seu registro antecipa falas da pesquisadora. Percebe-se, também, outra característica importante: a imagem que o jornalista faz do pesquisador é de uma pessoa responsável, com formação e o poder de gerar reflexões de repreensão, é o “ethos” do pesquisador se consolidado na matéria. Por fim, percebe-se que a pesquisa em si é mostrada de forma de alerta, ao focar em seu término, nos riscos da utilização das drogas.

Já na reportagem veiculada no dia 5 de novembro de 2009, tem-se a pesquisa como coadjuvante (a matéria trata de um fato qualquer, mas que remete a algum estudo científico). Nesse caso o fato central é o debate para encontrar meios de combater a fome na África, através de melhoria da agricultura de alimentos. O encontro, que ocorreu no Peru, foi transformado em notícia e transmitido pelo Repórter Brasil, através do foco na batata doce como matéria central do combate a fome. Não foram enviados repórteres da emissora. A matéria se encontrou em imagens de discussões em grandes salões, depois no registro de especialista em herbácea em imagens, sem registro de fala. O depoimento foi totalmente apropriado pelo repórter em off. Para melhor facilitar a nova forma de cultivo da batata recorreu-se a outra imagem, agora a de batatas suspensas na área de plantio.

Na análise dessa reportagem, observou-se uma série de pontos que acabam corroborando para o senso comum de que acredita que a Ciência é dura, e é de difícil entendimento. Não houve quaisquer tipo de ambientação. Não foram utilizados elementos extras que melhorasse o entendimento: como infográficos. A fala do especialista não foi devidamente trabalhada, não houve intermediação repórter-especialista. A fala foi coletada por meio de agências internacionais.

Dessa forma, viu-se que faltou na matéria uma maior aproximação do tema com a vida do público-alvo e da agroindústria brasileira. Faltaram vínculos e comparações mais didáticas. Apenas o discurso do profissional, meio truncado, por sinal, foi usado, para dar mais seriedade e credibilidade às imagens que eram intercaladas para o telespectador. Dessa forma, a matéria pendeu para algo que Bueno (2007) classifica como síndrome lattes; quando o discurso do especialista ou da autoridade é representado como algo superior e único.



Ocorreu algo um pouco diferente com a matéria do dia 26 de março de 2010. A pesquisa vinculada como gancho focou muito mais na questão ambiental da reciclagem e não com o invento químico, reproduzido por uma espécie de bolinhas que entrara no processo de reciclagem do plástico de forma mais eficiente. Interessante notar no entanto, que foi a única pesquisa do corpus a identificar o fruto da pesquisa (teses de doutorado), além de citar idade do pesquisador, apenas 26 anos, e o curso em que se formou: Engenharia Química. A repórter pareceu legitimar o valor da pesquisa através das credenciais do especialista, que é formado pela Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Durante o VT, a matéria se prolonga muito informando sobre os catadores, a atividade no Brasil, com imagens de usina de reciclagem de plásticos, e situando o país como o maior reciclador de alumínio do globo. A repórter informa que o plástico é pouco rentável em relação ao alumínio, e quando recorre ao especialista para o texto de sua reportagem, se sobrepõe a ele (o estudioso fica estático enquanto repórter explica como funciona a técnica desenvolvida por ele). Nota-se também que o especialista, tem dificuldade para falar, acrescenta pouco, fala apenas que “tinha um propósito ambiental a pesquisa”. Não se sabe, porém que esse deslocamento de lugares de fala foi preciso ser feito pela dificuldade do cientista em se expressar diante das câmeras, algo já observado por Bueno (2007).

Conclusões

Ainda que não tenham como proposta fundamental educar a população, os meios de comunicação apresentam, sim, importância na formação de uma consciência crítica do público. Estar ciente desse papel é fundamental na hora do fazer jornalístico, para que a profissão seja executada com responsabilidade.

As diferenças entre a forma de divulgação científica entre os dois telejornais foram muito poucas. Ficou comprovado que ciência vira pauta, quando associada às questões factuais, com poucas exceções. Essa foi uma das assertivas, tida como mantra, logo no início da pesquisa. Mas que parece não ser efetivamente absoluta em uma análise mais técnica..

Algo importante de se observar nos dois telejornais, é a conotação estritamente positiva como a ciência é apresentada. Quer dizer, em raros casos o jornalista duvida ou questiona os resultados ou os próprios métodos científicos. Ele aparece sempre para corroborar o que o pesquisador está dizendo.

Observou-se na presença tímida de notícias sobre ciência tanto no Jornal da Cultura quanto no Repórter Brasil. Além disso, os temas científicos não tiveram a devida contextualização e profundidade, para que fossem capazes de gerar compreensão. Um dos principais fatores que ocasionam essas características foi a falta de relação entre as informações com a vida do telespectador. Sem a proximidade com a vida prática e com o dia-a-dia, torna-se mais difícil o interesse das pessoas pelos temas científicos.

Notou-se, no entanto, a presença de alguma preocupação com a função didática do jornalismo, que utiliza recursos visuais e linguagem clara e acessível, explicando os termos mais específicos.

Esse caráter cidadão do jornalismo foi transformado em um discurso que o fez ter relevância diante da sociedade, embora nem sempre a prática seja tal qual nos diz a teoria. Assim, de forma segmentada, algumas especialidades de fazer jornalismo começaram a defender e atualizar esse discurso, adequando-o aos seus modos de fazer e pensar a atividade. O Jornalismo Científico



e o Ambiental são exemplos disso. (GIRARDI, 2009 *apud* VICTOR, 2009, p.96)

O interessante, no entanto, não é que se divulgue mais o conhecimento científico especializado, para os já interessados; mas sim que se incluam questões científicas naturalmente na grande mídia para a construção de uma cultura científica que possa gerar uma futura ação no público. Sendo assim, o jornalismo estará cumprindo sua função de formação de consciência crítica e transformando o leitor em um cidadão ativo e contextualizado com os temas atuais.

Ampliar a divulgação das pesquisas científicas fora do ambiente de ensino formal – como no caso da mídia - também é importante para ajudar na formação de uma cultura científica da população. A apreensão de alguns termos, temas e idéias centrais da ciência e a circulação das de teorias e resultados de pesquisa é fundamental para a criação de um pensamento racional e de livre exercício da cidadania.

Referências Bibliográficas

- ALBERGUINI, A. C. *A Ciência nos Telejornais Brasileiros* (o papel educativo e a compreensão pública das matérias de CT&I). Tese (doutorado). Universidade Metodista de São Paulo: São Bernardo do Campo, 2007.
- ANDRADE, L. V. B. *Ciência na televisão: espaços cada vez mais escassos*. *Em Formação*. V.1. 2006. Disponível em: <<http://www.emformacao.bioqmed.ufjf.br/01/conexoes.htm>>. Acesso em ago. 2007
- ANDRADE, L. V. B. *Iguarias na hora do jantar: o espaço da ciência no telejornalismo diário*. Tese (doutorado). Universidade Federal do Rio de Janeiro: Rio de Janeiro, 2004.
- BAKHTIN, M. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. São Paulo, Hucitec. 1981 [1929].
- BOURDIEU, P. *Sobre a televisão*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- BRASIL, Ministério da Ciência e Tecnologia. Secretaria de Ciência e Tecnologia para Inclusão Social. Departamento de Popularização e Difusão da C&T. *Percepção pública da Ciência e Tecnologia*. Pesquisa realizada pela CDN Estudos e Pesquisas. Brasília: MCT, 2007.
- BRASIL, Ministério da Ciência e Tecnologia. Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. Museu de Astronomia e Ciências Afins. *O que o brasileiro pensa da Ciência e Tecnologia? (A imagem da Ciência e da Tecnologia junto à população urbana brasileira)*. Pesquisa realizada pelo Instituto Gallup de Opinião Pública. Rio de Janeiro: MAST, 1987.
- DINES, A. Toda mídia é pública. In Carmona, B. [et al.]. *O Desafio da TV Pública*. Rio de Janeiro: TVE Rede Brasil, 2003.
- EPSTEIN, I. *Divulgação Científica: 96 verbetes*. Campinas, Pontes. 2002.
- FIORIN, J. L. *Introdução ao pensamento de Bakhtin*. São Paulo: Ática, 2006.
- GOMES, I. M. A. M. *Características discursivo-textuais de Ciência Hoje*. Tese de Doutorado. Recife [PE]: UFPE, 2000, 320p.
- GOMES, I. M. A. M. *Dos laboratórios aos jornais: um estudo sobre jornalismo científico*. Dissertação de Mestrado. Recife [PE]: UFPE, 1995, 219p.



- GOMES, I. M. A. M.; SALCEDO, D. A. A divulgação científica nos jornais impressos em Pernambuco. In: Jornada de Iniciação Científica, 9, 2005a, Recife. *Anais*, Recife: FACEPE/CNPq, 2005a, p. 541-542.
- GOMES, I. M. A. M.; SALCEDO, D. A. A divulgação da informação científica no Jornal do Commercio. *Icone*, Recife [PE]: UFPE, 2005, v. 1., n. 8., dez. 2005b, p. 80-88.
- GOULART, A. P. *Jornal Nacional: a notícia faz história*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
- GUERRA, R. C. A. *O discurso sobre a ciência nas telenovelas O Clone e Barriga de Aluguel*. Dissertação de Mestrado. Recife [PE]: UFPE, 2004, 134p.
- IVANISSEVICH, A. A. A mídia como intérprete. In: Vilas Boas, Sérgio (org.) *Formação & Informação Científica*. São Paulo: Summus. 2005.
- IVANISSEVICH, A. A divulgação científica na mídia. In: *Ciência & Ambiente*. Santa Maria: UFSM, 2001, n. 23.
- JORNAL Nacional <http://www.telehistoria.com.br/canais/jornalisticos/globo/jornal_nacional.htm>. Acesso em mai. 2006
- LIMA, J. C. O modelo da TV Cultura de São Paulo. In Beth Carmona; Marcus Flora...[et al.]. *O Desafio da TV Pública*. Rio de Janeiro: TVE Rede Brasil, 2003.
- MAINGUENEAU, D. *Cenas da enunciação*. Curitiba, Criar Edições, 2006.
- MAINGUENEAU, D. *Gênese dos discursos*. Curitiba, Criar Edições, 2005.
- MAINGUENEAU, D. *Novas tendências em Análise do Discurso*. Campinas, Pontes, 1997.
- MASSARANI, L.; MOREIRA, I. e BRITO, F. (Orgs.) *Ciência e público: caminhos da divulgação científica no Brasil*. Rio de Janeiro: Casa da Ciência, 2002.
- MELO, J. M. de. Quando a ciência é notícia: estudo comparativo da cobertura científica na imprensa diária do Rio de Janeiro e São Paulo. *Revista Brasileira de Comunicação*, São Paulo: Intercom, n. 57, 1987.
- MILANEZ, L. *TVE Brasil cenas de uma história*. Rio de Janeiro: ACERP, 2007.
- NAZARENO, N. *A implantação da TV pública no Brasil*. Brasília [DF]: [s.n.], 2007.
- OLIVEIRA, F. *Jornalismo Científico*. São Paulo: Contexto, 2002.
- SIQUEIRA, D. C. O. *A ciência na televisão: mito, ritual e espetáculo*. São Paulo [SP]: Annablume, 1999, 154 p.
- SODRÉ, M. *O monopólio da fala: função e linguagem da televisão no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 2001.
- SOUSA, C. M. (org.). *Comunicação, ciência e sociedade: diálogos de fronteira*. Taubaté: Cabral Editora, 2004.
- SOUZA, C. M. *TV Globo: 15 anos de história*. Rio de Janeiro: TV Globo, 1984.
- TVE BRASIL <http://www.tvebrasil.com.br/desafio_da_tv_publica> Acesso em jul. 2007
- TV CULTURA <<http://www.tvcultura.com.br>>. Acesso em mai. 2006
- TV GLOBO.<<http://www.globo.com>>. Acesso em mai. 2006



- VIEIRA, C. L. *Pequeno manual de divulgação científica*. Rio de Janeiro: FAPERJ, 1999.
- VICTOR, Cilene; CALDAS, Graça; BARTOLIERO, Simone (Org.). *Jornalismo Científico e Desenvolvimento Sustentável*. São Paulo: All Print, 2009.
- XAVIER, R. & SACCHI, R. *Almanaque da TV: 50 anos de memória e informação*, Rio de Janeiro: Objetiva, 2000.
- ZAMBONI, I. M. S. *Cientistas, Jornalistas e a Divulgação Científica*. subjetividade e heterogeneidade no discurso da divulgação científica. Campinas [SP]: Autores Associados, 2001.

